

JESUS ENTRE O CAMINHO E O TEMPLO

Estudo a partir da parábola do Samaritano

em Lc 10,29-37

*José Artur Tavares de Brito (Artur Peregrino)**

Resumo

O texto traz à tona o tema da espiritualidade do caminho com foco nas peregrinações acontecidas em suas várias formas. A parábola do Samaritano (Lc 10,29-37) mostra com clareza qual é o chão da peregrinação cristã. A misericórdia para com os caídos à beira do caminho é um sinal vivo do Evangelho de Jesus de Nazaré. Olhando as peregrinações a partir da parábola do samaritano Lc 10,29-37, podemos situar como, a partir do Evangelho, o caminho e o templo correspondem a duas espiritualidades que se completam e se conflitam. Essa espiritualidade corresponde a uma mística do caminho. As peregrinações na história do cristianismo tem sido uma forte fonte de inspiração para várias experiências místicas do caminho. De várias formas as peregrinações procuram viver dimensões essenciais do Evangelho que remontam ao cristianismo das origens. Percebe-se que descobrir a vida peregrina é descobrir um tesouro. Jesus compara o Reino de Deus a alguém que descobre um tesouro, deixa-o escondido, vende tudo e volta para comprá-lo; ou a um comerciante de pérolas que descobre uma valiosa, vende tudo o que tem e compra tal pérola. Essa parábola pode ser associada a cada peregrino e peregrina que descobre e garimpa pérolas em cada pessoa que conhece.

Palavras-chave: *Peregrinações. Cristianismo. Seguimento. Espiritualidade.*

* Mestre em Antropologia pela UFPE. Professor do Curso de Teologia na UNICAP e integrante do Instituto Humanitas UNICAP. Pesquisador do Grupo de pesquisa UNICAP/CNPq Religiões, identidades e diálogos, na linha de pesquisa Diálogos inter-religiosos. E-mail: arturperegrino@gmail.com

Abstract

The text brings up the path of spirituality theme focusing on pilgrimages taken place in its various forms. The parable of the Good Samaritan (Lk 10,29-37) shows clearly what is the ground of Christian pilgrimage. The mercy to the fallen to the wayside is a living sign of the Gospel of Jesus of Nazareth. Looking at the pilgrimages from Samaritan parable of Luke 10,29-37, we can situate as, from the Gospel, the way and the temple correspond to two spiritualities that complement and conflict themselves. This corresponds to a mystical spirituality of the way. Pilgrimages in the history of Christianity have been a strong source of inspiration for various mystical experiences of the way. In many ways pilgrimages seek to live essential dimensions of the Gospel dating back to the origins of Christianity. It is noticed that discovering the pilgrim life is finding a treasure. Jesus compares the Kingdom of God to someone who discovers a treasure, lets it hidden, sells everything and comes back to buy it; or a pearl merchant who discovers a valuable one and sells everything he has and buys such a pearl. This parable can be associated with each pilgrim and pilgrimage that discovers and pans pearls in every person you know.

Keywords: *Pilgrimage. Christianity. Tracking. Spirituality.*

Introdução

A missão dos profetas é aquela que foi de Jesus:
ir ao mundo dos pobres para despertar a esperança
e fundar o reino de Deus na terra (José Comblin).

Nos últimos anos o tema das peregrinações tem sido objeto de estudos teológicos, sociológicos, antropológicos e pastorais. Este texto deseja trazer à tona o tema da espiritualidade do caminho com foco nas peregrinações acontecidas em suas várias formas. As peregrinações se expressam de várias maneiras. Há peregrinações trazidas pelo catolicismo devocional de ida aos santuários, há as romarias da terra que tem sido um espaço propício para celebrar a fé e a vida, a fé e a política, em vista de um compromisso libertador. Há também experiências grupais de peregrinações que procuram viver dimensões essenciais do Evangelho, que remontam ao cristianismo das origens.

Olhando as peregrinações a partir da parábola do samaritano (Lc 10,29-37), podemos situar como, a partir do Evangelho, o caminho e o templo correspondem a duas espiritualidades que se completam e se conflitam. E é importante considerar que a peregrinação está presente em quase todas as culturas. O ser humano é um eterno caminhante. Está sempre em viagem. A própria vida está dividida em várias caminhadas: infância, adolescência, juventude, idade adulta, velhice.

A própria morte é considerada como a “última viagem”. Há vários cânticos tradicionais no Nordeste que expressam a morte como uma passagem. O livro aos hebreus é taxativo: “somos peregrinos e estrangeiros” (Hb 11,13). Há uma clara percepção de que a presente situação não é a situação definitiva da existência humana. “Na maioria das religiões da humanidade há esta convicção profunda: para a gente se encontrar com Deus é preciso sair de si mesmo e partir em sua busca” (BARROS; PEREGRINO, 1996, p. 15).

Um elemento novo e que merece destaque é o caráter ecumênico de muitos grupos que fazem peregrinação. Mais um elemento importante para olhar a parábola do samaritano é o aspecto ecumênico. A parábola do samaritano nos lança uma grande luz sobre a dimensão ecumênica. Vejamos. “Samaritano” vem de Samaria, capital do reino de Israel, no Norte. Depois da morte de Salomão, em 931 antes de Cristo, as dez tribos do Norte se separaram do reino de Judá no Sul e formaram um reino independente (1Rs 12,1-33). O Reino do Norte sobreviveu durante uns 200 anos. Em 722, o seu território foi invadido pela Assíria. Grande parte da sua população foi deportada (2Rs 17,5-6) e gente de outros povos foi trazida para Samaria (2Rs 17,24). Houve mistura de raça e de religião (2Rs 17,25-33). Desta mistura nasceram os *samaritanos*. Os judeus do Sul desprezavam os samaritanos como infiéis e adoradores de falsos deuses (2Rs 17,34-41). Chegaram ao ponto de dizer que ser samaritano era coisa do diabo (Jo 8,48). Muito provavelmente a causa deste ódio não era só a raça e a religião. Era também um problema político-econômico, ligado à posse da terra. Esta rivalidade perdurava até o tempo de Jesus.

Queremos dar destaque a alguns grupos de peregrinas e peregrinos de várias tradições de igrejas cristãs, mas que se unem na luta ao lado do pobre marginalizado. Entendendo que o ecumenismo se faz, sobretudo, lutando-se pela justiça. De fato, a luta por um mundo mais justo e fraterno se expressa como única garantia de que o amor a Deus não é uma farsa.

Portanto, este escrito deseja ser uma conversa, um diálogo de caminheiros. O caminho são as estradas poeirentas do Nordeste. Os viajantes são vocês que estão lendo e refletindo estas páginas juntamente comigo que estou puxando esta conversa.

1. Jesus entre o Caminho e o Templo

Felizes os que colocam toda sua força em vós
e decidem a partir em romaria (Sl 84,6).

Quem é a pessoa de Jesus Cristo? Esse caminheiro da Galileia? Depois do exílio da Babilônia, Israel reconstrói o templo e o templo volta a ser o coração econômico, político e religioso de Israel. No tempo de Jesus, o Templo é o co-

ração econômico, político e religioso de Israel. No Templo funciona o Sinédrio, onde o poder (Senado) se concentrava; no Templo funcionam as Leis. Pelo Templo passam os impostos que vão para Roma. Os sacerdotes do Templo são aqueles que, de certa forma, manipulam, em sintonia com a opressão do poder romano. Os sacerdotes do Templo são intermediários do poder romano.

O Templo é o coração, como muito bem o descreve Joaquim Jeremias, no livro “Jerusalém, no tempo de Jesus”. A figura de Jesus Cristo aparece muito claramente: Jesus nasce e morre fora da cidade. Jesus nasce e morre como um caminheiro. Jesus é um romeiro do começo ao fim. Jesus nasce e morre como um profeta itinerante. Jesus é um profeta peregrino, nasce e morre fora da cidade e prega pelos caminhos.

Raramente Jesus vai ao Templo. Lendo o Evangelho, quando Jesus vai ao Templo, podemos esperar alguma encrenca. Por quê? Porque Jesus, como os profetas, vem purificar o Templo de “meu Pai”. Jesus é o Deus que irrompe no tempo, que irrompe na história para purificar a casa de “meu Pai”, para purificar a história de “meu Pai”, para reabrir a história.

O Templo, aqui, é uma metáfora; o Templo, aqui, significa “história falseada, significa o poder que esqueceu o protagonismo dos pobres, significa o poder que passa a dominar e marcar o tempo.

O Deus da Vida intervém na história humana. Deus irrompe através de Jesus Cristo, para reabrir o tempo, reabrir a história, purificar a história e o templo da corrupção, da vaidade, do desvio e assim por diante. Há uma pedagogia de Jesus. Jesus, o libertador dos pobres, irrompe na história humana.

A parábola do Samaritano (Lc 10,29-37) mostra isso com toda clareza:

²⁹ *Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: “E quem é o meu próximo?”*

³⁰ *Em resposta, disse Jesus: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto.*

³¹ *Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado.*

³² *E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado.*

³³ *Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele.*

³⁴ *Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele.*

³⁵ *No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: ‘Cuide dele. Quando eu voltar, pagarei todas as despesas que você tiver’.*

³⁶ “Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?”

³⁷ “Aquele que teve misericórdia dele”, respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: “Vá e faça o mesmo”.

Os dois funcionários do Templo passam de lado, fora. Por quê? Porque tiveram atividades no Templo; não tinham tempo a perder. Estão totalmente tomados pelo Templo. Quem é que toma conta do coitado, do caído? É um estrangeiro, um caminheiro, um samaritano.

Há uma identidade no caído na beira do caminho. Um violentado, que está “entre a vida e a morte”, define a identidade de cada um dos personagens. Sabemos que o samaritano é um estrangeiro, um desqualificado, segundo a compreensão judaica; não é um familiar; é um viajante. Mesmo assim se comove ao ver a vítima. Enquanto o sacerdote e o levita se distanciam, ele se aproxima do ferido.

Ao narrar essa parábola, Jesus aparece como um peregrino, um itinerante que vai retomar a corrente javista. Se juntarmos as correntes (sacerdotal, deuteronômica, javista) Jesus retoma claramente a corrente javista. Isto de forma muito explícita, quando, tomando na mão o livro de Is 61 (Lc 4) ele leu: “Eu vim para libertar o meu povo Israel, para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor”. Jesus se coloca explicitamente e claramente na corrente javista, a partir do livro do profeta Isaías. Todo o seu ministério se passa pelos caminhos: Jesus cura nos caminhos e exerce seu ministério nos caminhos (PEREGRINO, 1996).

Caminho, aqui também é uma metáfora: caminho significa mar, significa a praia, significa a montanha, significa o barco, significa os lugares onde o povo está. É daí que irrompe a Palavra de Deus. O Deus de Jesus é o Deus do Caminho, como o Deus de Moisés, como o Deus dos profetas. Jesus vai ao Templo para tentar afastar os ladrões da casa de “meu Pai” e para dizer que o Templo está desvirtuado, que a religião está desvirtuada. É preciso purificar a casa de “meu Pai”.

Jesus de Nazaré dá-se a conhecer como o Peregrino do Pai. Ele assume a condição de cumpridor da vontade do Pai. O caminho a seguir é no meio dos mais pobres e desvalidos da sociedade de sua época. Jesus aponta um novo horizonte. Um horizonte de profundo encontro interior.

A perspectiva do caminhante, expressa uma profunda espiritualidade, é a perspectiva de encontrar no Santuário um repouso que nos dê força para voltar ao caminho. Que seja um repouso na casa de “meu Pai”. Não um repouso que nos explora, mas um repouso que nos reconhece como protagonistas: essa é a perspectiva.

Tantas vezes encontramos pessoas dizerem que vão à Igreja para se “abastecer”, é como se fosse um “posto de gasolina” que reabastece para retornar ao Caminho. Mas, no Templo, Jesus encontra uma atmosfera diferente e é obrigado

a tomar o chicote, a agir de uma forma não comum em Jesus. Jesus reivindica que a casa do Templo é a casa dos pequenos, é a casa do caminheiro, é a casa daquele que está a caminho, é o repouso de quem está no caminho. O Templo é a casa daquele que, caminhando, cansou e precisa descansar, precisa conversar com Deus, para retomar o caminho.

Na parábola do samaritano em Lc 10,29-37, Jesus centra seu olhar sobre o caído na beira da estrada. Aí está o Templo vivo. Aí está a síntese que Jesus faz entre o Caminho e o Templo.

Jesus não renega o Templo, não renega a Lei: Jesus quer o Templo e a Lei de acordo com o Pai. O Templo é a casa do “meu Pai”: Jesus quer reabilitar o Templo. Só que a reabilitação do Templo passa pela reabilitação do povo do caminho. O Templo não é do Deus estabelecido; o Templo pertence ao Deus do caminho. Uma vez mais, os povos antigos criaram no Templo, no Palácio um deus estabelecido, o deus do *status quo*, o deus da ordem. Jesus irrompe para dizer que o verdadeiro Deus surge no Caminho. Por isso Ele mesmo se faz caminheiro.

O verdadeiro Deus do Caminho necessita de uma casa, do Templo, do santuário. Mas este santuário, para ser um verdadeiro templo, deve respirar a espiritualidade que vem do caminho, a espiritualidade do próprio caminhante, o próprio peregrino da face da terra. O Templo de Jesus ganha legitimidade na medida em que respira a espiritualidade de quem está a caminho, de quem não para, de quem não fecha a história, de quem reabre a história, de quem se abre ao Espírito que age na história, de quem está sempre aberto ao Espírito da História.

O peregrino é aquele que, na sua peregrinação, se torna ele mesmo templo de Deus. “Está chegando a hora, e é agora, em que não vão adorar a Deus aqui nem lá, mas vão adorar o Pai em espírito e verdade”.

O peregrino é aquele que busca o Espírito e a verdade. O peregrino pena na alma e nos pés em busca do Espírito e da Verdade, na medida em que vai relativizando uma série de coisas e focalizando seu horizonte na casa do Pai, no Monte Horeb. Ela é o absoluto, todo o resto é relativo. Os templos são os lugares onde o peregrino descansa “à sombra”. Embora o que ele procura esteja além do espaço físico. Isso porque o centro, o espaço sagrado, não é apenas uma realidade geométrica ou topográfica, nem uma simples construção. O templo procurado pelo peregrino passa a ser um lugar onde irrompem as energias divinas; é o lugar onde os seres humanos fazem a experiência dessa realidade total.

O peregrino passa a ser alguém que encampa o protagonismo da história no caminho. Deus irrompe na história, sempre que o tirano toma parte da história. Deus irrompe para mostrar quem é o protagonista e onde ele está.

É fundamental percebermos a dimensão simbólica do templo. Ele passa a ser o centro que delimita o espaço sagrado e é ao mesmo tempo o ponto mais profundo de cada ser humano, de cada peregrino e peregrina.

2. O sentido das Peregrinações

Ainda que a minha mente e o meu corpo enfraqueçam,
Deus é a minha força, ele é tudo o que sempre preciso.
(Sl 73,26).

Desde as origens o ato de caminhar era carregado de um significado especial. A peregrinação não é apenas andar sobre um caminho (no caso da peregrinação a pé) ou realizar um determinado número de quilômetros.

De fato, trata-se de andar num caminho motivado “por” ou “para algo”. Toda peregrinação carrega um mistério dentro dela. Seja ela feita de modo consciente ou não. A peregrinação tem um sentido motivador e uma riqueza pessoal. Como a peregrinação carrega um mistério é, com certeza, um caminho de fé profundo que é necessário descobrir. A peregrinação pode ser feita de várias maneiras. Não importa tanto e de qual maneira. O importante é o Deus que se adora no caminho. O Deus da vida tem sua centralidade no amor. De fato, todo o mais tem utilidade à medida que caminha para o amor. Uma peregrinação é uma grande louvação ao Deus da Vida.

O ser humano na sua vida é, definitivamente, um peregrino: um ser em busca de si mesmo, da sua própria identidade e da transcendência (*homo viator*). É por isso que a peregrinação aporta o caráter simbólico de mostrar visivelmente o caminho que se percorre interiormente. O que faz de alguém um peregrino?

Todo ser humano é um ser em caminho. Esta sua característica exprime-se e alimenta-se quer na viagem existencial de cada pessoa, que percorre um itinerário ao longo do seu tempo de vida com todas as vicissitudes que o marcam, quer nas múltiplas viagens que ela realiza pelas estradas do mundo, por necessidade e interesses vários. Um dos motivos para a viagem é a fé. O ser humano põe-se ao caminho à procura de Deus ou atraído para o encontro com Ele, como diz uma inscrição na basílica de S. João de Latrão, em Roma: “Tu atraíste-nos para ti, Senhor, e inflamaste os nossos corações”.

O peregrino é aquele que, na sua peregrinação, se torna ele mesmo Templo de Deus. Vivemos a esperança como peregrinos neste mundo, como quem deixa o mundo para caminhar nele, sai sem nunca sair, sai ao encontro de uma etapa melhor num movimento que sempre recomeça. A peregrinação é imagem da própria vida. O ser humano está sempre à procura. Não se contenta com o que é. A vida é, de fato, um grande ritual de passagem. Com a peregrinação há uma desarragação permanente. E, nesse sentido, “a peregrinação implica uma atitude de desenraizamento, de renúncia à acomodação a um modo de vida, e é sinal de se deixar uma situação e partir para um novo lugar na vida” (BARROS; PEREGRINO, 1996, p. 15).

3. A Peregrinação na História do Cristianismo

A peregrinação sempre esteve presente na história do cristianismo. Foi sempre um modo de ser cristão (Michel Bergman de Taizé).

É bem verdade que, desde as origens, a peregrinação tenha sido vivida, fisicamente, como o sacramento mais significativo. Alguns relatos nos chamam atenção pelo fato de estarem separados pelo tempo, mas estão muito próximos pela semelhança.

Há um relato chamado Peregrinação de Etéria¹, no qual a autora relata as Viagens de Peregrinação às Terras Santas que realizou por volta do século IV. Essa mulher, Etéria, liderou um grupo de pessoas para fazer uma peregrinação considerando cidades por onde Jesus passou: Nazaré, Jericó, Carfarnaum e Jerusalém, entre outras. A peregrinação acontecia a partir de vivências de momentos litúrgicos. Tudo indica que sua liderança levou-a a ser abadessa em uma comunidade religiosa.

No Ocidente, Bento de Núrcia (480-547) foi muito claro em sua Regra. Recomendou aos seus monges que acolham o peregrino que chega ao mosteiro como outro Cristo. Era claro para Bento que o peregrino é um sacramento.

Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como o próprio Cristo, pois Ele mesmo irá dizer: 'Fui hóspede e me acolhestes'. E se preste a todos a devida honra, principalmente aos irmãos na fé e aos peregrinos (*Regra de São Bento*, 2002, p. 155).

Compreendia que o peregrino que chega santifica a comunidade. Era uma bênção para toda comunidade. E em muitos lugares de peregrinação, ainda hoje, há uma cultura de acolhimento que lembra essa dimensão.

Francisco de Assis (1182-1226) restaurou a peregrinação e a caminhada. Ele mesmo viveu passando por aldeias e povoados. Enviou os seus irmãos pelo mundo, dois a dois, sem nunca ter casas, nem lugares fixos. Para ele a vida evangélica é uma peregrinação constante.

Os biógrafos de Francisco nos dizem que a pregação dele exercia uma influência extraordinária sobre os seus ouvintes. Contudo, segundo testemunhas oculares, ele não tinha nada dum orador impressionante. A pregação dele era geralmente a continuação de sua conversa. Ele não se afastou da vida profana para ficar dentro do sagrado nem para subir ao púlpito com uma expressão fisionômica de acordo com seu ofício (DOORNIK, 1977, p. 99).

1. Nota da Redação: Ver PEREGRINATIO AETHERIAE. *Peregrinação de Etéria*: liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Tradução do original latino, introdução e notas de Maria da Glória Novak; comentário de Alberto Beckhäuser. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, 140p.

Francisco guardava uma ideia fixa. Queria imitar corporalmente a vida de Jesus e, por isso, precisava andar sem cessar. Ele tinha a compreensão que o seguimento de Jesus deve começar pelo corpo.

No Oriente, a peregrinação e os peregrinos têm uma longa história e ocupam um lugar privilegiado na Igreja, sobretudo na Rússia. A mais famosa é a história do Peregrino Russo. Há um livro, editado aqui no Brasil em dois volumes, pela Paulus, e organizado pelo Comblin: *Relatos de um Peregrino Russo* e o *Peregrino Russo*, volume 1 e 2, respectivamente. Foi escrito por um monge russo anônimo, no século XIX.

O Peregrino Russo conta a história de um homem que queria aprender a rezar. Ele ouviu, certa vez, na Bíblia que deveríamos “orar sem cessar” (*Relatos...*, 1983). Ele procurou muitos mestres, e nenhum o satisfez, até que encontrou um monge (um *starets*) que lhe ensinou a Oração de Jesus, a repetição do nome de Jesus. O homem, então, começou a repetir o nome de Jesus até que a oração tomou conta de sua mente e de seu coração. A Oração de Jesus consiste em sentar-se em silêncio, aquietar a mente e dirigir a atenção ao coração, procurando trazer a respiração ali, sentindo seu efeito. E, ao fazer isso, murmurar ou pensar nas palavras: – “Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim” (PEREGRINO..., 1986). Como água em pedra dura, a repetição vai amolecendo o coração do peregrino, “aprofundando-se em sua carne”.

Ele repete as palavras 3 mil, 6 mil, 12 mil vezes ao dia. E passa por vários estados, do desconforto e preguiça iniciais às primeiras sensações de calor no peito, a purificação vinda pelas lágrimas, o sentimento de união com o mundo, a abertura para a paz, até atingir a experiência do amor divino. Esse homem alcançou a oração contínua, aprendeu a “orar sem cessar”. Ele repetia o nome de Jesus o dia inteiro, e até durante o sono o nome de Jesus estava em seu coração.

Podemos perceber que homens e mulheres procuraram viver a dimensão peregrina e, nos exemplos citados, procuraram viver comunitariamente. Essas experiências de vida têm seu significado simbólico que são compreendidos e valorizados pela antropologia bíblica. De fato, “a caminhada para Deus é caminhada para a terra repartida para todos os filhos e filhas de Deus (BARROS; PEREGRINO, 1996, p. 161).

Em seu peregrinar, a pessoa humana tem basicamente duas atitudes: saída e busca. A saída implica desinstalação, mudança de rotina. A busca supõe encontro com o outro, com o diferente, com algo que possa preencher sua sede existencial. A irmã Annette Dumoulin que coordena a Pastoral de Romaria na diocese do Crato (CE) nos esclarece:

À medida que o ser humano se descentra de si mesmo para procurar outro ponto de referência, outro centro, ele cresce. O peregrino vive uma lei fundamental do vir-a-ser humano: visando outro centro, fora de si mesmo, ele se move e aí se encontra, enfim (DUMOULIN, 1990, p. 44).

Percebemos que há, de fato, uma necessidade de alternância entre a rotina cotidiana, os hábitos de trabalho e a exigência de novidade e criatividade. Neste sentido, a peregrinação implica uma atitude de desenraizamento, de renúncia à acomodação a um modo de vida e é sinal de se deixar uma situação e partir para um novo lugar na vida. Em peregrinação a pé pelo Nordeste, Paulo Afonso (BA), escutei de uma pessoa que nos acolhia: “A vida peregrina desinstala os peregrinos e também desinstala quem acolhe”. Há uma verdadeira mudança de rotina. Há uma troca como uma mão dupla.

As pessoas costumam dizer que “seguem” uma religião. A maioria das religiões apresenta-se como caminho. Há até uma religião oriental, o taoísmo, que é a religião “do caminho” (Tao quer dizer caminho). O ato de peregrinar nos diz que a presente situação não é a situação definitiva da existência humana. O ser humano, apesar de seus sucessos, sente-se limitado. Busca então um referencial simbólico num lugar “não comum”, fora do seu ambiente.

Na maioria das religiões da humanidade há esta convicção profunda: para a gente se encontrar com Deus, é preciso sair de si mesmo e partir em sua busca. Não é arbitrário que, desde as origens, a peregrinação tenha sido vivida, fisicamente, como sacramento mais significativo. A peregrinação coloca o corpo em movimento. Dando-lhe um ritmo, um sentido de vida.

4. Experiências místicas do caminho

A experiência mística (que é simplesmente a fé vivida do modo mais profundo) apresenta-se comumente como uma peregrinação, uma viagem iniciática no sentido estrito da palavra: uma viagem de começo, experiência de iniciante. Abandonando deliberadamente todos os lugares comuns, o místico vai para outro lugar, um lugar além [...] (Yves Cattin).

Os nossos profetas e profetisas, santos e santas, fizeram isso na sua prática missionária. Por isso estão no coração do povo. Em todo Brasil temos testemunhas de uma Igreja da Caminhada. Veremos alguns exemplos que vêm do Nordeste do Brasil. Destacaremos pessoas que acolheram e curaram as feridas do povo pobre.

Todos passaram por dificuldades. Também os medos acompanham os profetas, os servos de Deus. Foi assim com Elias no Antigo Testamento. Ele enfrentou as autoridades e os ídolos daquele tempo. Foi assim com os enviados por Deus em terras nordestinas. O centro da mensagem é uma só: desmascarar os deuses falsos e aqueles que o servem. Ajudando o povo a descobrir e escolher o Deus que dá a vida em abundância. Cada enviado e enviada de Deus, que destacaremos, deu sua contribuição à vida do povo pobre. Procuraram viver o mandamento de

Jesus quando diz: “*Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância*” (Jo 10,10). Vejamos alguns exemplos.

O padre Ibiapina (1806-1883) se embrenhou pelos interiores do sertão nordestino, criando toda uma infraestrutura que favorecesse a vida das comunidades mais carentes do sertão, construindo açudes, os primeiros hospitais da região e casas para acolher crianças abandonadas e pessoas idosas, que não tinham quem delas cuidasse.

O Beato Antônio Conselheiro (1830-1897) teve a sensibilidade de propor um estilo de vida conforme os Atos dos Apóstolos. Para isso era preciso criar uma comunidade de irmãos tendo presente muito trabalho e zelo pela casa de Deus. A exemplo de Antônio Conselheiro, lembramos os beatos e beatas que eram conselheiros e conselheiras nos lugares mais afastados, como o Beato Zé Lourenço, no Caldeirão (CE). Sempre em mutirão, construíam casas, cemitérios, igrejas, plantações e roçados.

O Padre Cícero (1844-1934) representou um centro de irradiação amorosa. Com seu estilo propositivo sempre encontrava jeito de orientar o povo para viver uma vida de irmandade, baseada no trabalho coletivo. Assim, Juazeiro foi se tornando refúgio dos pobres, o oásis de milhões de peregrinos/romeiros a ponto de representar, para muitos, um pedaço do paraíso na terra.

Naturalmente teríamos infinitos exemplos de homens e mulheres que doaram sua vida a serviço do Reino, sempre comprometidos com a causa dos mais pobres. As figuras que recordamos buscaram caminhos de vida para as populações mais pobres do Nordeste. O cimento unificador dessas vivências é a abertura e mergulho no mundo dos pobres.

5. Grupos de peregrinas e peregrinos de hoje

O Rosto do Deus dos Pobres se faz presente nessa caminhada de travessia. O Deus do Caminho não habita em qualquer santuário ou templo. Para que Deus esteja lá ele tem que ser habitado pelo sopro que vem das estradas poeirentas trazidas pelos pobres em peregrinação e romaria de dor e esperança.

Essa caminhada é continuada por grupos de peregrinas e peregrinos, espalhados em várias regiões do Brasil. Temos confirmação de grupos de peregrinas e peregrinos que vivem o ecumenismo no interno do próprio grupo.

Há um grupo de mulheres peregrinas na Bahia que caminha pelo Nordeste do Brasil. Já caminha há cinco anos. Faz pelo menos uma grande caminhada a cada ano. E tem o objetivo de viver uma experiência do caminho a partir de um grupo de mulheres. A exemplo das mulheres da Bíblia, tentam ser uma presença profética. Outro grupo são os peregrinos de Santo Amaro. Caminham a cada ano de São Lourenço da Mata (PE) para Taquaritinga do Norte (PE). A mais de uma década colocam o pé na estrada revivendo o mesmo caminho.

Outra experiência é a do Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste (GPPN) que existe há quase três décadas (PEREGRINO, 2013, p. 35s). Esse grupo é composto por homens, mulheres (crianças, jovens, adultos e pessoas idosas), naturais de todas as partes do Brasil. Deste modo, andam sempre a pé, não utilizam e nem recebem dinheiro e não carregam comida. Toda sua manutenção, durante o período da peregrinação, resulta da partilha que as comunidades fazem. Alimentam-se do que lhes é ofertado, partilhando com a comunidade. Suscitam, assim, a comunhão nos lugares por onde passam. A cada ano caminham em um Estado do Nordeste. Têm o objetivo de viver a gratuidade de Deus e a eficácia histórica.

Voltemos à parábola do samaritano. Essas vivências peregrinas retomam o olhar para o homem caído na estrada, procuram viver a dimensão amorosa do evangelho. A misericórdia para com os pequenos caídos na estrada continua sendo a maneira de viver a espiritualidade do caminho de Jesus.

Essas experiências têm proliferado em várias regiões. São experiências que procuram viver a dimensão peregrina nos dias de hoje. Há o cultivo de uma espiritualidade peregrina. Uma experiência do caminho que amorosamente revela o Rosto do Deus dos Pobres.

Conclusão

A peregrinação tem uma lógica própria. Ela é um ritual de passagem. E por isso tem uma maneira própria e precisa de um tempo de sensibilidade para acolher essa novidade que chega.

Salta aos olhos de um peregrino a forma que se dá o acolhimento. O peregrino vê que as estruturas têm que transformar-se em lugar de acolhimento. Os olhos de quem acolhe devem brilhar. O amor começa por um movimento em direção ao que chega. Após alguém deixar-se atingir pelo olhar, é necessário dar o primeiro passo e ir ao encontro do outro.

Jesus continua curando no caminho, hoje, através da mística peregrina. Nunca esqueçamos que Jesus, o peregrino maior, “passou fazendo o bem e sarando a todos”.

Descobrir a vida peregrina é descobrir um tesouro. Jesus compara o Reino de Deus a alguém que descobre um tesouro, deixa-o escondido, vende tudo e volta para comprá-lo; ou a um comerciante de pérolas que descobre uma valiosa, vende tudo o que tem e compra tal pérola. Essa parábola pode ser associada a cada peregrino e peregrina que descobre e garimpa pérolas em cada pessoa que conhece.

Finalmente, a parábola do samaritano nos coloca diante do Caminho e do Templo. O sacerdote e o levita são identificados, em oposição ao samaritano, no episódio-parábola, pela função que exercem no Templo. Tanto o sacerdote como o levita são responsáveis pelos sacrifícios e a celebração do culto.

Na parábola do samaritano (Lc 10,36) Jesus redimensiona a pergunta: Quem se fez próximo? E, não mais, quem é meu próximo? A pergunta agora é feita a partir de uma situação concreta, onde a vida de uma pessoa estava em perigo. É a partir daí que se pode identificar o próximo. Jesus diz ao escriba: “Vá, e faça a mesma coisa”.

Com a inspiração dessa parábola de Lucas deve-se olhar o movimento de quem se situa a partir das peregrinações e do Templo. Na parábola Jesus chama o escriba a uma mudança de vida. A palavra-chave é sair de si mesmo. Aqui é uma questão de atitude. É igualar-se ao samaritano e fazer o que este fez.

Nesse sentido fazer peregrinação ou situar-se a partir do Templo tem um significado profundo. Terminemos com a palavra do bispo profeta, Dom Helder Camara, que escreveu certa vez:

Missão é partir, caminhar,
deixar tudo, sair de si,
quebrar a crosta do egoísmo
que nos fecha no nosso Eu.

É parar de dar volta
ao redor de nós mesmos
como se fôssemos o centro
do mundo e da vida.

É não se deixar bloquear pelos problemas
do pequeno mundo a que pertencemos:
a humanidade é maior.

Missão é sempre partir,
mas não devorar quilômetros.

É sobretudo, abrir-se aos outros como irmãos.
Descobri-los e encontrá-los.

E se, para encontrá-los e amá-los,
é preciso atravessar os mares
e voar nos céus, então missão
é partir até os confins do mundo.
(CAMARA, 2009: ano 75, n. 879, mar.).

José Artur Tavares de Brito
Av. 1º de novembro, 107 – Carmo
53020-060 Olinda, PE
arturperegrino@gmail.com

Bibliografia

BALBINOT, Egídio. *Liturgia e Política*. A dimensão da liturgia nas romarias da terra de Santa Catarina. Chapecó: Ed. Grifos, 1998.

BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. *A Festa dos Pequenos: Romarias da Terra no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1996.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.

COMBLIN, José. *O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. Padre Ibiapina. Coleção Homens e Mulheres do Nordeste. São Paulo: Paulinas, 1983.

DOORNIK, N.G. *Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1977.

DUMOULIN, Annette. Romeiros/as e romarias em Juazeiro do Norte. *Estudos Bíblicos*, n. 28, p. 42-53, 1990.

CAMARA, Helder. Missão é partir, caminhar... *Família Cristã*. São Paulo: Paulinas, ano 75, n. 879, mar./2009.

PEREGRINO RUSSO (O). *Três relatos inéditos*. São Paulo: Paulus, 1986.

RELATOS DE UM PEREGRINO RUSSO. São Paulo: Paulus, 1983.

REGRA DE SÃO BENTO (A). Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2002, p. 155.

PEREGRINO, Artur. "O que escutei do padre Comblin..." *Paralellus*, Recife, v. 4, n. 7, p. 33-41, jan./jun. 2013.